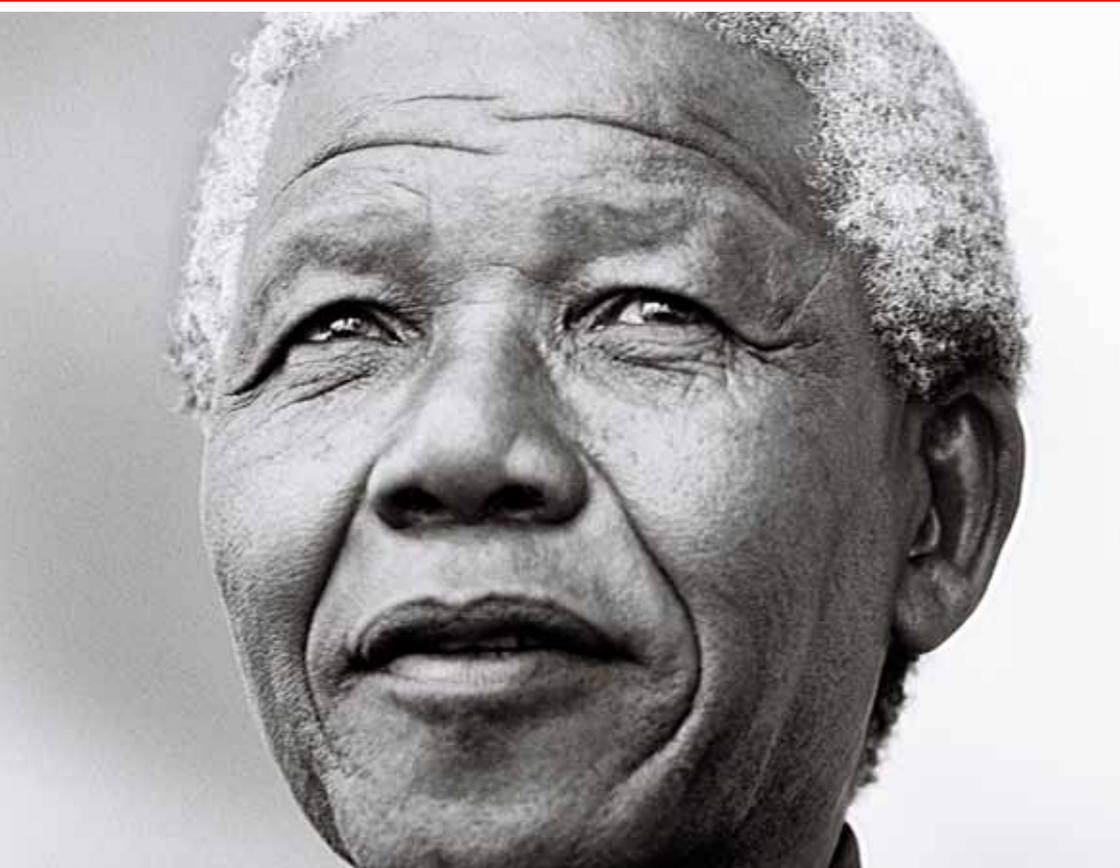
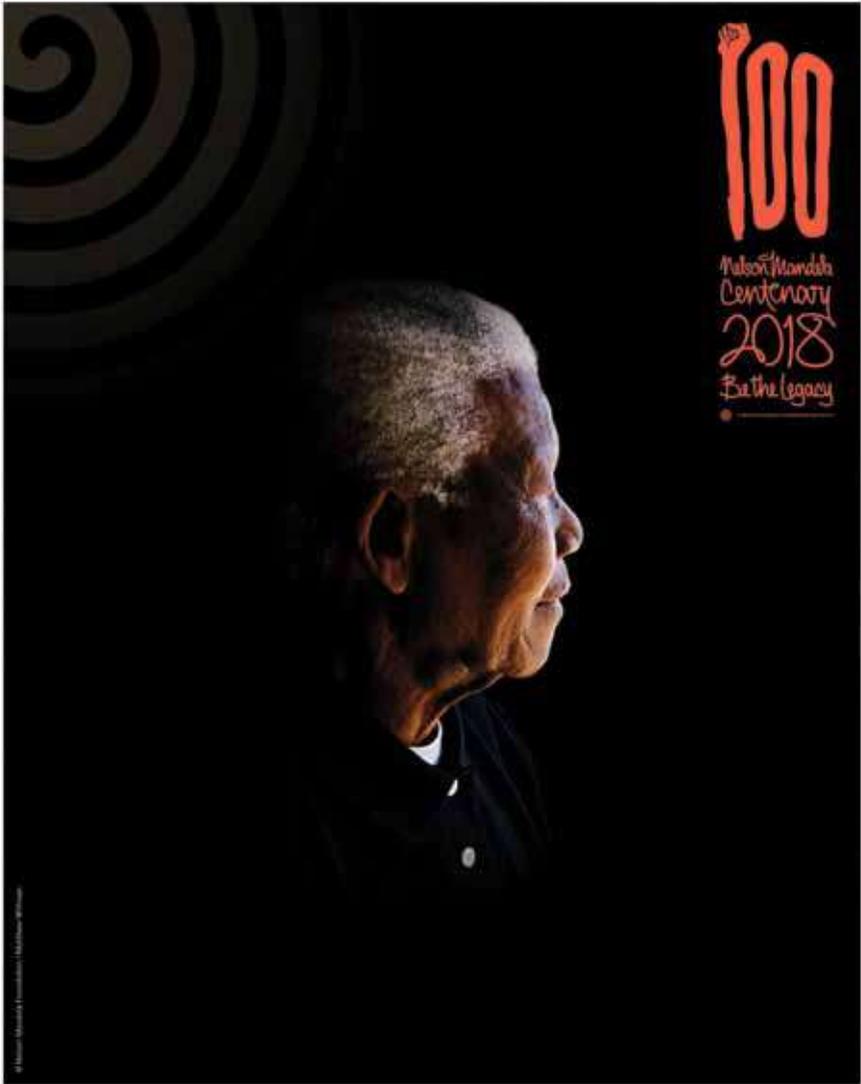


NELSON MANDELA

Prémio Nobel da Paz e Estadista
1918-2013

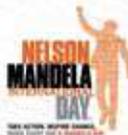


COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Julho 2018



© Nelson Mandela Foundation | Matthew Willman

TAKE ACTION. INSPIRE CHANGE,
MAKE EVERY DAY A MANDELA DAY.



Capa de cartaz. ©Matthew Willman-NM Foundation

Nelson Mandela foi uma figura marcante na história da luta pelos Direitos Humanos. Líder da resistência ao *Apartheid* e primeiro Presidente negro da África do Sul, celebra-se este ano o seu centenário de nascimento, no dia 18 de julho, designado pela ONU - *Mandela Day*.

Nelson Mandela foi de igual modo um grande reformador, um homem que trabalhou incansavelmente para fomentar a paz nacional e mundial, que promoveu a erradicação de doenças, lutou contra a pobreza e a fome e procurou cimentar o valor incomensurável da dignidade humana.

A 18 de julho a sua memória é recuperada pelas gerações a quem legou a convicção de que nenhum desafio é intransponível, podendo sempre ser superado com sacrifício, coragem, determinação e generosidade.

Lisboa, julho de 2018

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura e Relações Internacionais da Câmara Municipal de Lisboa

“I HAVE FOUGHT AGAINST WHITE DOMINATION, AND I HAVE FOUGHT AGAINST BLACK DOMINATION. I HAVE CHERISHED THE IDEAL OF A DEMOCRATIC AND FREE SOCIETY IN WHICH ALL PERSONS WILL LIVE TOGETHER IN HARMONY AND WITH EQUAL OPPORTUNITIES. IT IS AN IDEAL FOR WHICH I HOPE TO LIVE FOR AND TO SEE REALISED. BUT, MY LORD, IF IT NEEDS BE, IT IS AN IDEAL FOR WHICH **I AM PREPARED TO DIE.”**

Parágrafo final do discurso de Nelson Mandela no Julgamento de Rivonia





NELSON MANDELA

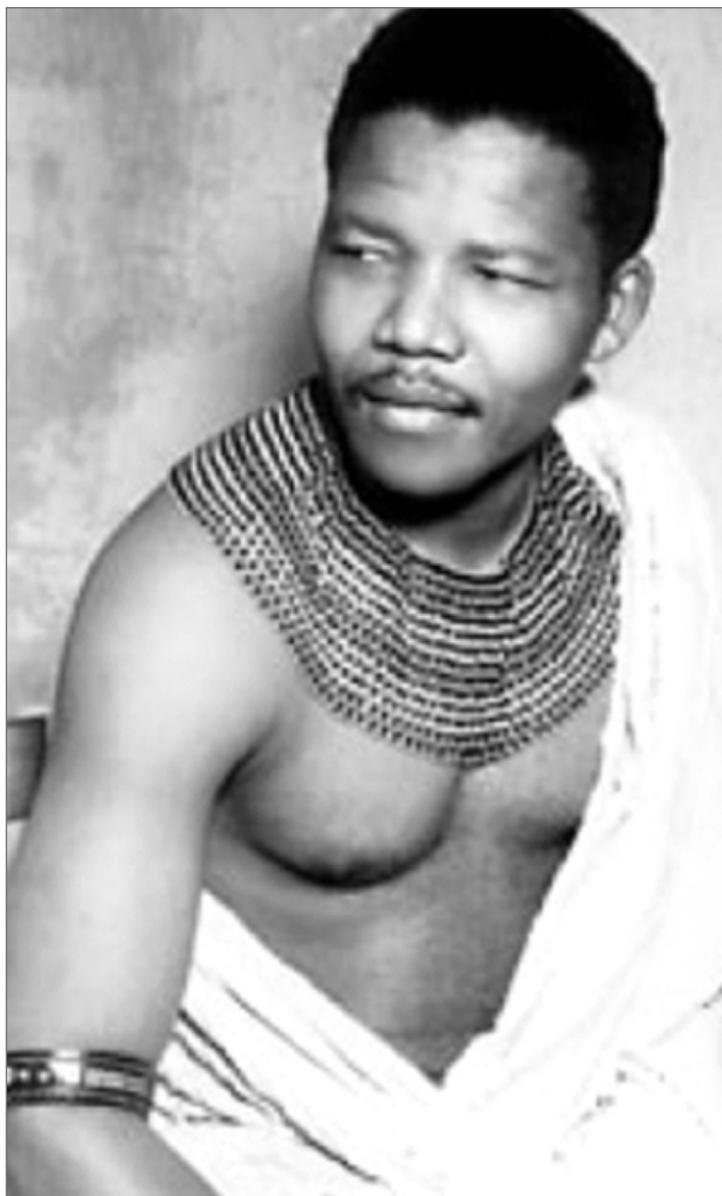
Nelson Mandela, ativista anti-*apartheid*, político e estadista, foi um corajoso defensor dos ideais da Liberdade, da Igualdade e da Democracia e um líder da defesa dos Direitos Civis no seu país.

A sua luta contra o regime racista e segregacionista do *apartheid*, imposto pela minoria branca aos negros sul-africanos, não foi apenas contra a desigualdade racial, a tirania e a injustiça, mas também contra todas as formas de opressão, uma luta pela dignidade humana.

Rolihlahla Dalibhunga Mandela nasceu a 18 de julho de 1918, na aldeia de Mvezo, no Transquei, um bantustão da África do Sul. A sua família era de ascendência real, do clã Madiba, e o seu pai foi conselheiro dos chefes tribais ao longo de vários anos, até que, após uma disputa com o magistrado colonial, perdeu o seu estatuto tendo visto os seus bens confiscados. Após estes incidentes, a família mudou-se para uma pequena aldeia onde Rolihlahla viveu uma infância esforçada.

Batizado na Igreja Metodista, foi o primeiro da família a frequentar a escola, onde, como era prática colonial, o professor lhe retirou o nome africano e lhe atribuiu o nome Nelson, em homenagem a um Almirante inglês com o mesmo nome.

Aos nove anos, após a morte de seu pai, Nelson foi adotado pelo regente interino do povo Thembu, Jongintaba Dalindyebo, como pagamento do favor que o seu pai lhe tinha feito ao recomendá-lo para chefe, passando então a viver em Mqhekezweni, a capital da província de Thembuland, na residência real do chefe.



Mandela e as vestes tribais “Madiba” apelido por que viria a ser conhecido.
© John Edwin Mason

Mandela frequentou aulas de inglês, xhosa, história e geografia. Aos poucos foi tomando consciência da história do seu país que era ignorada nos livros escolares, a história de uma África em que as etnias africanas viviam na sua maioria em paz até à chegada do homem branco. No decurso da cerimónia tribal de passagem à idade adulta, a circuncisão, tocou-o profundamente o discurso do chefe Meligqili, que falou dos sul-africanos negros, subjugados no seu próprio país, submetidos ao regime segregacionista do *apartheid*.

Nelson, tal como o seu pai, estava destinado a ser um conselheiro de chefes, pelo que a sua educação era pertinente. A ligação à realeza da Thembu permitiu-lhe um progresso escolar regular mas assente em trabalho duro. Até que, teve acesso ao Colégio Universitário de Fort Hare, o único centro residencial de ensino superior para negros na África do Sul e que era considerado o equivalente africano das universidades de Oxford ou Harvard, atraindo académicos de todas as partes da África subsariana.

Os seus estudos concentraram-se no direito holandês uma vez que o conhecimento do direito era primordial para um conselheiro, contudo o holandês era distinto, pois os brancos do Partido Nacionalista, que instituíram e suportavam o *apartheid*, eram bóeres, também chamados de africânderes, descendentes de colonos calvinistas na sua maioria holandeses.

No segundo ano em Fort Hare, Nelson Mandela foi eleito para o Conselho de Representantes Estudantis da Universidade. Insatisfeitos com as refeições e com a indiferença dos seus superiores, a associação boicotou as eleições seguintes. Nelson aderiu ao boicote e demitiu-se do cargo, o que lhe valeu ser expulso da escola por um ano por insubordinação.

De volta a Mqhekezweni, aguardava-o a indignação do chefe Jongintaba, que lhe impôs o regresso à universidade no ano seguinte e um retratamento. Numa tentativa de lançar o jovem num caminho socialmente aceite, o mesmo chefe promoveu o seu casamento, uma prática



Nelson Mandela e Oliver Tambo. © Luke Ran

comum já que consistia num costume tribal. Contudo, sentindo-se coagido e condicionado, Mandela fugiu para Joanesburgo, onde se fixou e trabalhou, tendo conseguido completar o seu bacharelato por correspondência. Ainda com o desejo de prosseguir os seus estudos em Direito matriculou-se na Universidade de Witwatersrand.

Em 1941, Nelson vivia em casa de Waltar Sisulu, que o acolhera e que seria seu amigo e companheiro de jornada, militante do Congresso Nacional Africano (ANC), uma organização de etnias sul-africanas que procurava ser ouvida pelos decisores do *apartheid*. Sabendo das ideias do jovem, Sisulu encorajou-o a juntar-se ao movimento. O ano de 1942 seria então decisivo para o trajeto de vida de Mandela, marcado pelo início do seu envolvimento ativo no ANC e no movimento anti-*apartheid*.

Dois anos depois casava com uma prima de Sisulu, Evelyn Ntoko Mase, enfermeira, com a qual teve quatro filhos, Madiba Thembekile, Makgatho, Makaziwe e Maki (único sobrevivente). O casamento viria

a terminar em 1956, quando Evelyn colocou em causa a ligação de Mandela ao ANC, condenando a sua radicalização.

A Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano era cética quanto à abordagem ao regime opressor, que se resumia a petições moderadas, sistematicamente ignoradas e que raramente tinham resultados práticos. Após um intenso debate interno, em 1949, muito por pressão da Liga, o ANC decidiu que a sua intervenção social deveria ser proativa, iniciando uma época de boicotes, greves, desobediência civil e não cooperação. No manifesto exigia-se a cidadania política plena (direito ao voto) e a melhoria das condições de vida da população negra.

Muitas das intervenções, pacíficas e não violentas, foram coordenadas por Mandela. Em parceria com Oliver Tambo, um estudante brilhante que conhecera em Fort Hare e que também seria um dos seus companheiros de jornada política, abriu o escritório de advocacia “Mandela e Tambo”, que teve bastante sucesso e fornecia aconselhamento jurídico gratuito, ou de baixo custo, àqueles a quem o estado não concedia representação judicial.

As ações de protesto prosseguiram, mas sem resultados visíveis. O regime sul-africano, ao ver-se inusitadamente confrontado, aumentou a repressão. Em fevereiro de 1955 o ANC não conseguiu impedir a transferência forçada da população negra do subúrbio de Sophiatown, em Joanesburgo, para um campo aberto que viria a ser conhecido por Soweto.

A conclusão a tirar era evidente e o ANC, onde Mandela já assumia um cargo importante, ia escalando a sua confrontação com o regime. Em junho de 1955, no que ficou conhecido como “Congresso do Povo”, uma aliança multirracial aprovou a “Carta da Liberdade” na qual estava previsto recorrer à resistência armada sempre que se justificasse.

No ano seguinte, Mandela e alguns dos seus companheiros de luta, foram presos e acusados de traição, num processo que se veria a pro-

longar vindo a ter repercussões no funcionamento do seu escritório de advocacia.

Ainda nesse mesmo ano Mandela conheceu Winnie Madikizela, assistente social, mais tarde conhecida por Winnie Mandela e que viria a participar ativamente no processo de derrube do *apartheid*. Casaram em 1958 e tiveram duas filhas, Zenani, que viria a ser embaixadora sul-africana na Argentina e Zindziswa, que foi embaixadora sul-africana na Dinamarca.

Em agosto de 1960 o julgamento ilibou-o de todas as acusações. Entretanto, o governo nacionalista continuava a revelar a sua brutalidade. A 26 de março de 1960, sessenta e nove africanos que protestavam contra as “leis do passe” (que condicionavam as suas deslocações ao determinado numa caderneta oficial), foram mortos pela polícia em Sharpeville, a 56 quilómetros a sul de Joanesburgo. O regime, intensamente criticado e condenado internacionalmente, fechava-se ainda mais ao exterior e a luta interna ganharia um novo ímpeto.

Mandela passou à clandestinidade e a sua ação não abrandou. Face à forma como conseguia fugir às autoridades ganhou a reputação de “pimpinela negra” e em 1961, foi um dos fundadores do MK, um braço armado do ANC, dedicado a sabotar e a usar táticas de guerrilha, reunindo um pequeno grupo de especialistas em explosivos, do qual fazia parte Sisulu. Apesar das estratégias adotadas, o MK não pretendia causar vítimas humanas e os alvos principais foram instalações do governo. Encetou um rápido périplo pelo continente africano, a que acrescentou dez dias em Londres, procurando apoios à luta do seu povo, numa altura em que a comunidade internacional condenava cada vez mais o sistema de segregação existente na África do Sul e se levantavam vozes pedindo o seu isolamento.

Ao voltar ao país, em agosto de 1962, Nelson Mandela foi finalmente capturado pelas autoridades e num julgamento acelerado, seria condenado a três anos de prisão por incitamento à greve e mais dois anos por deixar o país sem passaporte.



O ANC e o Julgamento de Rivonia. ©AFP

Em 1963, a sua vida fundiu-se com os seus ideais de luta contra o *apartheid*. Nelson Mandela foi chamado novamente a tribunal, identificado como o “número um” de um grupo de dirigentes do ANC acusados de sabotagem e traição. No “julgamento de Rivonia”, como ficou conhecido, a acusação pediu a pena máxima: morte por enforcamento e, na altura, poucas dúvidas existiam quanto à intervenção política para que essa fosse a sentença final.

Com dignidade, Nelson Mandela fez uma declaração em tribunal que se prolongou por quatro horas, revelando-se serenamente preparado para enfrentar a sentença de morte. No seu discurso negou a influência estrangeira no ANC e a imprudência do programa de sabotagem e enfatizou o objetivo de uma democracia multirracial. O último parágrafo, transcrito no início deste resumo biográfico, foi dito de memória por Mandela, olhando diretamente o presidente do coletivo de juízes, tendo ficado para a história como um libelo de defesa do Livre Arbítrio e dos Direitos Civis: «Lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Acalento o ideal de uma sociedade democrática e livre na qual todas as pessoas vivam juntas

em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e poder alcançar. Mas, se necessário, é um ideal para o qual estou preparado para morrer»¹.

Numa decisão surpreendente e de última hora, os juízes condenaram os acusados a prisão perpétua, felizmente sem a percepção que com essa decisão estavam a iniciar o processo longo, mas definitivo, da queda do próprio regime.

Nelson Mandela esteve encarcerado vinte e sete anos, dezoito dos quais na infame prisão de Robben Island, numa cela exígua de dois metros por um, onde apenas existiam um prato, um balde e um tapete para dormir. A grande parte do tempo passado no pátio era dedicado a partir pedra. Ninguém teria acreditado que um preso resistiria tanto tempo em tais condições, mas Mandela sobreviveu estoicamente, num meio em que os negros eram ainda mais despojados da sua humanidade. Contraiu tuberculose e, como prisioneiro político negro, o seu tratamento foi praticamente inexistente.

Por várias vezes o seu equilíbrio mental e emocional foram postos à prova. Em 1969 Mandela chorou a perda do seu filho mais velho, Madiba “Thembi” Thembekile, num acidente de carro. Contudo seria o relacionamento à distância com Winnie que daria volume aos seus problemas emocionais. O seu amor mantinha-se e os rumores dos casos amorosos de Winnie feriam-no profundamente. Além de ser suspeita de uma variedade de crimes, incluindo o assassinato do ativista Stompie Moeketsi Seipei, de catorze anos, em 1989, pelo qual foi a tribunal e condenada a uma sentença de seis anos de prisão, reduzida em apelação a uma multa.

A África do Sul do apartheid estava a ficar encurralada. O regime era alvo de uma vigorosa condenação internacional e as pressões externas sucediam-se, acumulando-se os boicotes comerciais e a saída de empresas estrangeiras, principalmente americanas que cortavam os

(1) Tradução livre.



Nelson Mandela e Bill Clinton na cela 5 de Robben Island, onde esteve encarcerado 18 anos.

© Pool via Reuters

seus investimentos no país. No entanto, a segregação, a exploração e a violência física e mental sobre a população negra não abrandava. A prisão de Mandela adquiriu o carácter simbólico da injustiça extrema de uma sociedade onde esta predominava. As campanhas internacionais pela sua libertação sucediam-se. Em 1982, os prisioneiros foram transferidos para a prisão de Pollsmoor, mais perto de Joanesburgo, o que foi entendido como um sinal de abertura das autoridades, facilitando eventuais negociações. No entanto, só em 1985 o Presidente P.W. Botha ofereceria a libertação a Mandela, em troca da renúncia à luta armada. Fiel aos seus princípios, o prisioneiro rejeitou categoricamente. Esta foi a primeira de várias tentativas de acordo por parte de um governo que começava a acusar as pressões internacionais e a revolta generalizada das populações negras. Em 1990, Frederik Willem de Klerk veio substituir o Presidente Bo-

tha. Convicto da necessidade de mudança, removeu as restrições a grupos políticos, suspendeu as execuções e conseguiu chegar a um acordo com Nelson Mandela, que seria finalmente libertado no dia 11 de fevereiro.

O prisioneiro vivera a sua liberdade noutro tempo. O encarceramento fora anterior ao assassinato de Kennedy e os Beatles estavam ainda em começo de carreira. A sua saída inesquecível pelos portões da prisão de Victor Verster e os festejos que acompanharam a sua caminhada para a Liberdade, exaltaram um renascimento do seu espírito. O espanto pelo que via à sua volta era evidente e conta-se que se abaixou instintivamente quando se aproximaram dele com um microfone, temendo que fosse um dispositivo sofisticado de agressão.

A guerra contra o *apartheid* não estava ganha e a sua libertação fora apenas uma batalha vitoriosa. Nas primeiras declarações, Nelson Mandela pediu às potências estrangeiras que não abrandassem a pressão sobre o governo sul-africano até que ocorressem reformas constitucionais. Embora empenhado no processo de paz, concordou com a continuação da luta armada pelo ANC até que o voto fosse um direito de todos os sul-africanos. Em 1991 foi eleito presidente do agora partido e Oliver Tambo eleito dirigente nacional.

Os percalços no caminho foram inúmeros, tendo Nelson Mandela e De Klerk evitado o início de uma guerra civil aquando do assassinato do líder do ANC Chris Hani por um radical bóer. Embora a maioria dos brancos pretendesse uma partilha automática do poder, muitos negros sul-africanos queriam uma transferência completa de poder. As negociações foram muitas vezes tensas, a violência percorria o país, contudo Mandela soube manter o equilíbrio precário, mas necessário ao bom sucesso do processo.

Em 1993 Nelson Mandela e o Presidente de Klerk partilharam o Prémio Nobel da Paz pelo seu empenho no desmantelamento do *apartheid* na África do Sul.

Em 27 de abril de 1994 a África do Sul realizava as suas primeiras



1º Presidente negro da África do Sul. © Walter Dhladhla-AFP

eleições democráticas, vencidas por larga margem pelo ANC e a 10 de maio de 1994 era empossado o primeiro presidente negro da África do Sul, Nelson Mandela e De Klerk foi o seu vice-presidente. Com 77 anos, em conjunto com De Klerk, o Presidente Mandela trabalhou para promover a transição pacífica do governo do Partido Nacionalista, sustentáculo do *apartheid*, para o ANC, representativo da maioria negra e vencedor das eleições. Mandela enfrentou com determinação, mas também com um sorriso, o desafio de colocar o bem comum à frente de interesses pessoais e políticos. Trabalhou para evitar o colapso económico do país e empenhou-se em reformas estruturais e na defesa dos mais desfavorecidos e através do seu Plano de Reconstrução e Desenvolvimento, o governo sul-africano financiou a criação de empregos, habitação e cuidados básicos de saúde. A nova Constituição da África do Sul, pela qual Mandela tanto se batera, foi assinada em 1996, fundamentada na defesa de um regime democrático, representado por um governo da maioria que garanta tanto os direitos das minorias quanto a liberdade de expressão. Uma das últimas batalhas de Nelson Mandela, porventura a mais difícil, foi a de promover a reconciliação nacional, fomentando a sua palavra, a paz e a unidade. Um dos meios que utilizou foi o despor-



Nelson Mandela com Graça Machel (esq.) e Winnie Madikizela Mandela (dir.). © AFP

to, convicto da sua capacidade de mobilizar uma nação. O desporto sul-africano era por excelência o rugby, cuja equipa nacional, constituída por jogadores brancos, era rejeitada e subestimada pela maioria negra, contudo o Presidente encorajou todos os sul-africanos a apoiá-la.

Em 1995 a África do Sul hospedou o Campeonato do Mundo de Rugby que trouxe mais reconhecimento e prestígio à jovem república. Na final, Mandela entrou em campo com a camisola número seis do capitão François Pienaar e foi amplamente aplaudido. Contudo, poucos tinham conhecimento da sua tristeza interior, já que acabara de receber a notícia da perda de uma das suas bisnetas, Zenani Mandela de treze anos, num acidente de carro.

Entretanto, o distanciamento de Winnie Mandela tornou-se evidente e agravou-se quando esta, escolhida para o cargo de vice-ministra de

Artes, Cultura, Ciência e Tecnologia, se demitiu após alegações de corrupção. Separados de facto desde 1992, o divórcio teria lugar em 1996.

Nos últimos anos da sua vida teve como companheira Graça Machel, Ministra da Educação de Moçambique, viúva do presidente Samora Machel, com quem casou e que o acompanhou até à sua morte.

Em 1999, após o mandato presidencial de cinco anos, Nelson Mandela decidiu não concorrer às eleições presidenciais, o que foi encarado como um gesto destinado a desencorajar os seus sucessores de prolongar o seu tempo no cargo, para além dos limites estabelecidos. O ANC assumiu, de facto, a liderança do país.

No mesmo ano foi criada a *Nelson Mandela Foundation*, uma organização sem fins lucrativos, para a promoção da visão de Liberdade e Igualdade de Mandela, que continuou a trabalhar em prol do seu país, desenvolvendo um périplo pelo mundo arrecadando doações para construir escolas e clínicas no coração rural da África do Sul.

Em junho de 2004, aos 85 anos, Nelson Mandela retornou à sua aldeia natal de Qunu. Em 2007, Nelson Mandela e a sua esposa Graça Machel, foram cofundadores do *The Elders*, um grupo de líderes mundiais com o objetivo de trabalhar para encontrar soluções para alguns dos problemas mais difíceis do mundo. O grupo incluiu entre outros o Bispo Desmond Tutu, o Secretário-geral das Nações Unidas Kofi Annan e o Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter. Em novembro de 2009, o dia de aniversário de Mandela, 18 de julho, foi declarado *Mandela Day*, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em reconhecimento da sua contribuição para uma cultura mundial de Paz e Liberdade.

A sua última aparição pública foi em 2010, na final do Campeonato do Mundo de Futebol na África do Sul. A 5 de dezembro de 2013, com noventa e cinco anos, Nelson Mandela morreu em sua casa em Joanesburgo vítima de uma infeção pulmonar que o afligia desde 2011.



Mandela a discursar nas Nações Unidas

Nelson Mandela foi agraciado com a Ordem inglesa de St. John, a medalha da Liberdade dos Estados Unidos, o Bharat Ratna, a mais alta distinção da Índia e a Ordem do Canadá. A 9 de março de 1996 Nelson Mandela recebeu o Grande-Colar da Ordem do Infante Dom Henrique.

O seu livro, *Long Walk to Freedom*, publicado em 1994, e que foi em grande parte escrito na prisão, inspirou o filme de 2013, *Mandela: Longo Caminho para a Liberdade*.



Visita de Nelson Mandela a Portugal, em 1995, recebido pelo Presidente da República, Mário Soares

O antigo Presidente da República Mário Soares recordou “o amigo” Nelson Mandela como um homem excepcional e uma figura que conseguiu marcar o mundo inteiro.

“Foi um homem de liberdade, que lutou contra o colonialismo e defendeu os valores da paz, da igualdade e da fraternidade”, declarou Mário Soares, numa homenagem em Lisboa ao antigo Presidente sul-africano.

A Câmara Municipal de Lisboa presta homenagem ao ativista anti-*apartheid*, estadista e defensor da Liberdade e dos Direitos Humanos, associando-se à celebração do seu centenário no dia 18 de julho, *Mandela Day*, recordado e festejado um pouco por todo o mundo, com a dignidade que merece, comemoração à qual a autarquia tem a honra e o orgulho de se associar, atribuindo o seu nome a uma rotunda na freguesia do Lumiar, “Rotunda Nelson Mandela”.





BIBLIOGRAFIA

- *Nelson Mandela Foundation* (2018) – “Biography of Nelson Mandela”
<https://www.nelsonmandela.org/content/page/biography>
Consultado em 11jun2018
- *Beresford, David* (2013) “Nelson Mandela Obituary”
The Guardian
<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/05/nelson-mandela-obituary>
Consultado em 11jun2018
- *SAPeople News* (2013) “Full Transcript of President Joyce Banda’s Inspiring Eulogy for Nelson Mandela”
- <https://www.sapeople.com/2013/12/15/transcript-president-joyca-banda-inspiring-eulogy-nelson-mandela-523/>
Consultado em 11jun2018
- *BBC News* (2013) “Nelson Mandela death: Full text of Barack Obama tribute”
<https://www.bbc.com/news/world-africa-25250278>
Consultado em 11jun2018
- Barroso, Alfredo (org.) Santos, José Manuel dos (1996) *Mário Soares: o Presidente de todos os portugueses 1991-1996*. Contexto; Lisboa
- *The Delagoa Bay World*
<https://delagoabayworld.wordpress.com/2012/02/07/2005/>
Consultado em 29jun2018



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa
Presidente | Fernando Medina
Pelouro da Cultura e Relações Internacionais | Catarina Vaz Pinto
Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga
Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Título | Nelson Mandela
Textos | António Adriano
Design | Ernesto Matos
Tiragem | 250
Ano | 2018
Depósito Legal | 443086/18
Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa

ROTUNDA NELSON MANDELA



Latitude:

38.76291797681542

Longitude:

-9.14766317993167



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA